

**Diário Notícias**

16-08-2013

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 56361**Temática:** Sociedade**Dimensão:** 837**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/16

Idosa morre de infeção após toma excessiva de calmantes dados em lar

Denúncia. Familiares apresentaram queixa-crime e dizem que Maria Lúcia Rita não tinha problemas de saúde. Caso está por resolver

O facto remonta a junho de 2011. A filha de Maria Lúcia Rita encontrou-a prostrada numa das visitas diárias que fazia à mãe na Clínica São José, de Camarate, Loures. A

idosa foi transportada para o hospital de Loures, onde os médicos lhe diagnosticaram intoxicação por excesso de benzodiazepinas (ansiolíticos). A mulher acabou por

morrer três dias depois com uma infeção hospitalar. Casos de idosos assistidos em hospitais com excesso de medicamentos são frequentes, denunciam clínicos. **PAÍS** PÁG. 16

Morre após internamento por excesso de calmantes

Óbito. Família da vítima de 91 anos acusou lar, onde Maria Lúcia ingeriu a medicação, de negligência e fez queixa-crime. Idosa faleceu no hospital de Loures na sequência de infeção

RITA CARVALHO

Maria Lúcia Rita tinha 91 anos e estava na Clínica São José de Camarate há poucos meses. A 22 de junho de 2011, prostrada e sem reação, foi levada para o Hospital de Loures, onde os médicos lhe diagnosticaram uma intoxicação por benzodiazepinas – fármacos ansiolíticos –, acabando por morrer três dias depois, na sequência de uma infeção hospitalar. A família acusa o lar de negligência e já apresentou uma queixa no Ministério Público de Loures.

A filha da vítima, Maria Lúcia Simão, visitava diariamente a mãe, com quem passava as tardes no lar, e garante que na véspera esta encontrava-se perfeitamente bem. Apesar da idade, a idosa não tinha problemas de saúde e nesse dia até se tinha deslocado ao jardim. “Tomava apenas metade de um comprimido, *Lorenin* (benzodiazepinas) de 2,5 mg, e no máximo um de um miligrama” esclarece a família, acrescentando que três semanas antes a médica do lar até lhe tinha suspendido essa medicação.

No dia seguinte, e como era rotina, a família ligou para o lar para saber como Maria Lúcia passara a noite mas diz que nessa manhã não conseguiu falar com o enfermeiro. “Na visita, às 14 horas, encontramos-a prostrada, a espumar pela boca, com dificuldades respiratórias”, recorda Maria Lúcia Simão. Os familiares mantiveram-se em contacto com a médica do lar, que “pediu para aguardar os desenhos de envoltórios”, mas ao final do dia solicitou a sua ida ao hospital.

No Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, a família foi informada de que a idosa seria internada, pois continuava sem reagir a estímulos. Depois de fazer análises, “a enfermeira disse-nos que ela tinha uma intoxicação por benzodiazepinas”, recorda Nuno Simão. Diagnóstico que consta no certificado de óbito do hospital, como confirmou o DN, e que refere ainda uma doença vascular cerebral. Contudo, a família nunca teve um desfecho trágico, explica, até porque já tinha ocorrido um episódio semelhante – embora sem diagnóstico conclusivo –, um mês antes, do qual a senhora veio a recuperar. Ao fim de três dias sem acordar, contraíu uma infeção hospitalar, e faleceu.

“Não sabemos o que aconteceu. Apenas que, objetivamente, ela en-



Clínica não comenta caso mas diz que comportamento dos seus profissionais é “irrepreensível”

trou no hospital com uma intoxicação por benzodiazepinas. A idade e a fragilidade em que se encontrava poderão ter conduzido ao resto”, diz a filha, que apresentou a queixa contra a Clínica São José.

Quase um ano depois, ainda não foi proferida acusação nem arquivamento. Contactada pelo DN, a direção da Clínica de São José informou que “estando a situação em causa a ser objeto de averiguações em sede de inquérito judicial, a fim de não perturbar as diligências em curso, não tomará, por ora, qualquer posição pública sobre o assunto, além de que, as questões colocadas sempre esbarriam no sigilo médico e no enquadramento legal relativo à proteção de dados pessoais”. Contudo, garante “que todo o comportamento da Clínica e dos seus profissionais afigurou-se irrepreensível.”

O Instituto de Segurança Social também confirma que fez uma fiscalização a esta “clínica de recuperação” na sequência da denúncia feita pela família em abril. E acrescenta que já em 2011 a Casa de Repouso São José tinha sido alvo de inspeção. Contudo, adianta, “uma vez que o processo se encontra em sede de justiça, não é oportuno prestar mais esclarecimentos.”

Despiste de ansiolíticos é comum nas urgências

HOSPITAL. Médicos dizem que idosos de lares com excesso de ansiolíticos não é situação rara. E que análise confirma esse diagnóstico

Quando dão entrada na urgência hospitalar prostrados e num estado mental confuso, os idosos são quase sempre submetidos a um despiste de benzodiazepinas, fármacos ansiolíticos. Um procedimento normal que passa por uma análise e permite perceber se houve excesso de medicação. Algo que acontece com regularidade, apurou o DN junto de alguns médicos.

“Não são muito frequentes. Mas acontecem. Não são casos raros”, afirmou ao DN José Manuel Silva, Bastonário da Ordem dos Médicos, que acrescenta que, se suspeitar deste excesso, o médico pede a análise. “Normalmente pelo quadro clínico não é difícil suspeitar de excesso de medicação. Se há esse excesso de toma, certamente alguma coisa não correu bem”, acres-

centa, esclarecendo que a análise não determina a quantidade em excesso. Nessas situações, “o que se faz é esperar que o organismo metabolize e o doente recupere”. Por exemplo, em tentativas de suicídio, se essa toma for muito grande, pode administrar-se um medicamento que tenta anular o efeito das benzodiazepinas, explica. Sobre o caso concreto, José Manuel Silva nada tem a dizer, pois não conhece os seus contornos. Mas sublinha que alguns doentes com demências, ficam num estado de agitação tão grande que precisam de ser medicados para estabilizar.

Fonte do Hospital Garcia da Orta também confirma que este despiste das benzodiazepinas ocorre com frequência, e que na maioria dos casos em que se confirma a existência de excesso de medicação os idosos são encaminhados pelos lares e chegam prostrados e confusos. “Também pode acontecer um idoso confundir-se em casa, e tomar mais remédios do que os prescritos. Mas é mais raro.”

5 PERGUNTAS A...

“Também acontece a idosos em casa”



J. FERREIRA DEALMEIDA
Associação de Lares Privados

Situações como estas, de queixas crimes contra lares, são frequentes?

Não, não são nada comuns. Não digo que não aconteçam, mas são muito pontuais. E desconheço este caso concreto.

Mas não há pessoas a queixarem-se de que os familiares não são bem tratados no lar?

Às vezes acontecem casos de queixas por maus tratos, falta de cuidados ou má alimentação. E por vezes detetamos que estas queixas não têm razão de ser pois têm mais a ver com conflitos entre as famílias e as instituições. Mas em relação à medicação, não. O único caso que conheço de excesso de benzodiazepinas tinha a ver com uma insuficiência renal que foi detetada numa senhora e que lhe provocou a intoxicação. Sei que os hospitais faziam – não sei se ainda fazem – esse despiste das benzodiazepinas, pois consta da nota de alta dos idosos dos lares levados às urgências.

Mas é frequente haver esta administração de medicação em excesso nos lares?

A suspeita é real. E se os hospitais fazem esse despiste é porque têm uma razão para o fazer. Acredito que haja casos que encham as pessoas de fármacos para estarem mais calmas. Mas isso também acontece aos idosos que estão em casa, com os familiares.

Tratam-se de casas ilegais?

Entre os sócios da Associação Lares de Idosos (ALI) – a que presido – nunca detetámos nenhum. Mas não posso falar pelo que se passa nas casas ilegais.

Têm crescido estas casas?

Quando falamos de ilegais, estamos a falar de três coisas. Lares registados nas finanças e suportados por uma sociedade, mas em processo de licenciamento; casas clandestinas que não têm nada; e casas com três idosos, que não são um lar, mas também não são famílias de acolhimento. Só para lhe dar um exemplo, na zona de Tomar, num raio de 25 quilómetros, os sete associados da ALI estão rodeados por 41 casas ilegais. Imagine a concorrência que não é...